

ARQUIVO ABERTO

Os operários corticeiros em Sines

A organização sindical dos corticeiros de Sines fez-se em ligação com a Associação de Lisboa, tendo entregado os estatutos ao governo para aprovação em 1902 (1). Nos finais do século XIX e inícios do XX as suas reivindicações foram no sentido quer dos aumentos salariais quer na exigência de pautas alfandegárias mais favoráveis à indústria, bem como a proibição da exportação da cortiça em bruto (2).

A secção de Sines conseguiu sustentar uma greve entre Novembro de 1908 e Março de 1909, com apoio dos comerciantes da vila e num contexto nacional de reivindicações neste sentido. A greve foi bem sucedida no que toca ao aumento salarial, embora não tivesse conseguido ver atendidas as pretensões em relação à exportação da cortiça. A sua principal vitória foi ao nível da criação de uma tradição de coesão e combatividade de um sector que se tornaria líder da contestação social em Sines, apoiando outros grupos sociais em Sines, como o dos marítimos.

Após um período de refluxo do movimento, em 1910, pouco antes da implantação da República, a secção de Sines volta a participar numa nova greve do sector ao nível nacional contra a exportação da cortiça em bruto, organizada pela Federação Corticeira. A iniciativa teve repercussões locais, dando origem a uma manifestação de várias centenas de trabalhadores. Foi a partir de 1910 que as secções corticeiras passaram a nomear um fiscal mensal ao lado de representantes do governo e dos industriais para o embarque da cortiça.

Entre 1911 e 1914, a secção de Sines desenvolve acções de solidariedade com outras secções sindicais do sul (3), embora tivesse perdido já o apoio dos comerciantes locais. Em 1911 os operários da Herold entram em greve por solidariedade com a greve dos operários da mesma empresa no Barreiro; no mesmo ano as cinco fábricas mais relevantes da vila (além da Herold, a Prats, a Francisco Bigas, a Bucknall e a Arps) encerraram em solidariedade para com os operários de Almada.

Em Janeiro de 1912 os corticeiros e os trabalhadores apoiam a greve dos trabalhadores rurais de Évora, assim como o fizeram os grupos de trabalhadores de Santiago do Cacém. Ainda nesse ano, mas em Novembro, os corticeiros entraram em greve por dois meses pela melhoria de salários e contra o aumento do preço dos géneros.

Apesar do envio de uma força militar, a secção de Sines conseguiu manter a greve com o auxílio dos trabalhadores rurais do concelho, os quais enviam alimentos e dinheiro, assim como os trabalhadores de Almada, Belém, Poço do Bispo e Grândola. Não obstante os conflitos surgidos entre os corticeiros e da intransigência dos industriais, foi possível criar comissões para a fiscalização do trabalho.

Em Maio de 1914 a questão não fora ainda resolvida, antes ainda agravada pelo despedimento de operários em 1913. Uma nova greve despoletou-se então entre os trabalhadores da Herold, num contexto de paralisação das restantes fábricas por falta de matéria para laborar.

Nos finais de 1910 a secção operária lidera ainda o processo de constituição de uma Associação Mista de corticeiros, marítimos, operários das indústrias conserveiras, trabalhadores rurais, sapateiros e até lavadeiras e criadas de servir. Em 1911, contudo, o movimento esmoreceu, face à recusa das autoridades em aprovar os seus estatutos. Mesmo assim, a Associação teve um papel importante na gestão do conflito na fábrica conserveira Canha e Formigal (4).

Em Abril de 1916 e secção dos corticeiros desempenhará um importante papel junto dos operários das armações de pesca em greve, solidarizando-se com os mesmos, como veremos adiante. O administrador do concelho refere-se aos corticeiros, já durante alguns conflitos registados em Fevereiro de 1915, como agitadores capazes de fazer sublevar toda a população operária da vila (5):

“Esta classe marítima que me parece ser ordeira e trabalhadora, anda a ser atijada por alguns elementos da classe corticeira, agitadores de marca que se declaram solidários com aquela classe, instando-a à prática da rebelião e fazendo as suas ameaças à mistura em reuniões e comícios.”

Ao nível ideológico, o núcleo corticeiro de Sines filia-se na corrente anarco-sindicalista. São lidos os jornais *O Corticeiro*, o *Sindicalista* e, mais tarde, o núcleo desenvolverá relações com a revista *Germinal* (1914-1917) e *A Batalha* (1919- 1926). Não é surpreendente, portanto, o assassinato do comerciante Jacinto Pereira da Silva em 1908 pelo “degenerado anarquista João Francisco o Gumbeta”, segundo as palavras de Adelino de Oliveira, uma personalidade residente em Sines na altura e que registou o acontecimento no seu diário (6).

Sandra Patrício

NOTAS

(1) João Madeira, op.cit., p. 50.

(2) Idem, ibidem, p.50.

(3) João Madeira, “Os Corticeiros e o sindicalismo em Sines (1910 - 1914) ”, in *História*, primeira série, nº. 142, Julho de 1991, pp. 38-41.

(4) João Madeira, “Os corticeiros e o sindicalismo em Sines...”, pp. 41-42.

(5) Copiadores da correspondência do Administrador do Concelho de Sines para o Governador Civil de Lisboa, ofício nº. 64 de 24 de Fevereiro de 1915, B/3C 1. AHMS.

(6) OLIVEIRA, Adelino de – Livro negro d’ephemerides. [documento manuscrito]. Entrada de 30 de Janeiro de 1908, fl.19. Informação cedida pelo Dr. António Quaresma.